

Apresentação da Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira Manuela Martins



A tarefa que me foi solicitada de apresentar a Doutora Conceição Falcão, conferencista desta noite, constituindo uma honra é, simultaneamente, uma tarefa árdua. É uma honra, porque é naturalmente um privilégio apresentar alguém que possui o *curriculum*, as qualidades, a idoneidade e a energia da Doutora Conceição Falcão. É uma tarefa árdua porque é sempre difícil falar de alguém a quem nos liga um já longo percurso académico, de mais de 20 anos e uma não menos longa amizade, feita de convivências, experiências e solidariedades, de momentos de alegria, mas, também, de inevitáveis

desencantos que partilhámos, quer na vida académica, quer pessoal. Assim, a minha apresentação corre o risco de oscilar entre a objectividade possível de uma avaliação das qualidades científicas da conferencista e um referencial subjectivo das suas capacidades, naturalmente omissas em qualquer nota curricular de natureza académica, mas perceptíveis para quem com ela convive no dia a dia da Universidade, ou para quem a tem como professora, colega, ou amiga. Perdoem-me, por isso, os presentes, se a minha intervenção extravasa o campo da nota biográfica que é comum na circunstância. De facto, nos tempos de mudança conturbada em que vivemos, em que se secundarizam os valores humanistas, a ética das posturas e a coragem do afrontamento, em benefício de posições politicamente mais correctas, de protagonismos por omissão, não poderia, senão por pura traição à conferencista, ignorar a personagem que dá vida às narrativas que constituem o seu *curriculum científico e académico*.

Permito-me, por isso, invadir esta apresentação com breves retalhos de uma convivência, através da qual procurarei dar expressão à pessoa e à obra.

Conheci a Doutora Conceição Falcão em Outubro de 1979, aquando da minha entrada como assistente na Universidade do Minho. Vinha então engrossar um magro corpo docente de um Curso de bacharelato em História e Ciências Sociais, do qual a Doutora Conceição já fazia parte, desde 1976, pois, na qualidade de assistente requisitada, esteve na origem da estruturação do referido curso, trabalhando de perto com o Professor Doutor Baquero Moreno, e, posteriormente, com o Professor Doutor Aurélio de Oliveira. Como jovem assistente estagiária o meu contacto não foi com os referidos doutores mas com a Doutora Conceição Falcão, cujas recomendações e orientações recordo com gratidão, pois marcaram a minha imediata simpatia. Os princípios que defendia de qualidade e exigência no ensino, o incentivo ao cumprimento das regras e a sua notável relação com os alunos, que então, tal como agora, pautavam a sua postura como docente, caíam bem em alguém que, como eu, iniciava um percurso académico e idealizava a vida universitária com algum espírito de missão. Esse modo particular de ser e de estar da Doutora Conceição Falcão em nada se alterou ao longo dos anos, marcando todos os jovens docentes que entraram no Departamento de História, sobre os quais teve uma influência directa e positiva. Algo que se manteve coerente e

persistente na sua vida académica foi também a sua postura com os discentes, com os quais granjeia imediata simpatia. De facto, a Doutora Conceição Falcão não é uma professora qualquer, cujo trabalho se esgota na preparação e leccionação das aulas. Ela é a pedagoga nata, cujo papel persiste fora da sala de aula, onde, sempre e quando a procuram, seja no gabinete, nos corredores, no bar, ou num simples jantar com os alunos.

Mas o espírito de exigência e dedicação, imagem de marca da Doutora Conceição, não se esgota no seu papel enquanto docente, revelando-se no modo como encara qualquer tarefa lhe é distribuída, seja no desempenho de cargos, seja na participação num qualquer grupo de trabalho, seja na simples redacção de um ofício ou memorando. Por detrás dessa exigência estão a seriedade e o profissionalismo que sempre conferiu ao seu papel de docente universitária, qualidades que contrastam e colidem, cada vez mais frequentemente, com as posturas bem diferenciadas de elementos mais jovens da comunidade académica, menos preparados, menos exigentes, mas, sobretudo, mais ambiciosos e apressados.

Emprestando as suas capacidades e seriedade a tudo o que faz, coloca-as, naturalmente, também, em tudo o que escreve, enquanto historiadora.

Recordo com agrado a leitura da sua tese de Mestrado “Uma rua de Elite na Guimarães medieval (1376-1520)”, apresentada e defendida na Universidade do Porto, em 1987, e publicada em 1989 pela Câmara Municipal de Guimarães. Lembro-me de ter comentado então que a escrita da Doutora Conceição ressuscitava os homens, pondo-os novamente a calcorrear os espaços de Guimarães. Desde então não mais deixei de ler os seus trabalhos, acompanhando com interesse o percurso historiográfico da conferencista. O mesmo discurso, ensaiado na tese de Mestrado, surgirá dez anos depois, amadurecido, na obra notável que constitui a sua dissertação de Doutoramento, apresentada e defendida na Universidade do Minho, em 1997, a que deu o título de “Guimarães: duas vilas, um só povo. Estudo de História urbana (1250-1389)”. Através de uma narrativa secundada por um profundo conhecimento das fontes vimaranenses e num discurso inteligível, de inegável modernidade, a Doutora Conceição Falcão apresenta-nos personagens e lugares, faz-nos entrar nas casas e circular nas ruas, animadas por actividades. Entre agentes e espaços

de um quotidiano recriado, visionam-se, também, os poderes, os interesses e os conflitos da Guimarães medievá. Para além da qualidade histórica do texto, permito-me salientar a qualidade da escrita que o particulariza, mas, também, a qualidade que decorre da sua permanente capacidade de questionar e problematizar a construção do discurso histórico.

É a Doutora Conceição Falcão uma profunda conhecedora do acervo documental da Guimarães medieval, à qual dedicou até hoje praticamente 70% do conjunto da sua produção científica. São-lhe familiares as fontes, que secundam a publicação de trabalhos dados à estampa sobre as finanças, a justiça, os poderes, o vestuário, ou a construção, temática à qual vem dedicando crescente interesse, testemunhado em várias iniciativas inéditas no quadro da investigação medieval no nosso país. Entre elas conta-se o seu empenho em dar a esta investigação um carácter pluri-disciplinar, procurando formar arquitectos que procedam à reconstituição dos edifícios descritos nos documentos, ou em granjear a cooperação internacional para a pesquisa do tema.

Mas, se a História Urbana constituiu sempre o cerne da sua investigação, os seus interesses orientam-se, também, para o estudo do mundo rural, não lhe sendo estranhas, nem as paisagens, nem as construções, desta feita mais descentradas do universo vimaranense e abrangendo o quadro geográfico mais amplo do norte do país.

Autora de um conjunto alargado de trabalhos científicos, que vingam pela qualidade e, em muitos casos, pela inovação, a Doutora Conceição Falcão é bem conhecida e reconhecida pela comunidade científica, facto que se traduz nos numerosos convites que lhe endereçam para estar presente em reuniões científicas, ou em júris de provas académicas.

Todavia, o seu contributo à história medieval vimaranense, cujos escritos contribuíram, decididamente, para renovar o discurso sobre a importância de Guimarães no quadro das origens da nacionalidade, conseguiu ultrapassar a esfera meramente académica, granjeando-lhe a simpatia e o reconhecimento público do município que lhe concedeu, em 1998, a medalha de mérito intelectual de ouro pela sua dissertação de doutoramento. O mesmo trabalho granjeou-lhe, também, o prémio Alberto Sampaio, instituído pela Sociedade Martins Sarmento e pelos municípios de Guimarães e Vila Nova de Famalicão.

Não me sendo a mim que cabe, em última instância, o protagonismo desta sessão e porque já vai longa esta apresentação, gostaria de terminá-la sublinhando aquilo que me parece constituir a essência do percurso de vida da conferencista.

Penso que essa essência reside no facto de ser intrinsecamente uma pedagoga. É-o por formação precoce, desde os 18 anos, tendo sido professora em diferentes graus de ensino. Mas, é-o, também, por natureza. E é essa natureza que lhe concede as qualidades que possui de permanente exigência consigo própria, de capacidade de inovação, mas, também, de insatisfação. Porque, a Doutora Conceição Falcão não vê o ensino como uma profissão, mas como uma missão, talvez a mais nobre das missões, pois dela depende a qualidade e capacidade dos futuros cidadãos e porque sempre se revê nas questões, necessidades e ambições dos jovens que, ano após ano, passaram e passam pelas suas aulas, ela é necessariamente alguém que se renova, que se adapta, excepto nos princípios que lhe asseguram a coerência como pessoa. Em vinte anos de convívio com a Doutora Conceição Falcão nunca a vi vergar, ceder, nem desistir. Essa coerência da pessoa, que transparece tanto na académica, como na investigadora, se é para alguns sinónimo de rigidez, é para mim, como para muitos outros, um importante ancoradouro.

Creiam que o seu convívio próximo constitui um raro privilégio.